

Seis mulheres que estão mudando a cara, e a produção, das salas de roteiro no Brasil

NONE DECEMBER 16, 2020

Quando colocamos uma categoria profissional no Google, geralmente recebemos de volta como resultado fotografias dos grandes nomes daquela área. Em “escritor”, Ernest Hemingway. Em “cientista”, Albert Einstein. No entanto, ao colocar a palavra “roteirista”, a ferramenta de pesquisa não devolve nenhuma personalidade – mas figuras de bancos de imagens, geralmente mãos brancas e masculinas em computadores ou máquinas de escrever.

O imaginário presentificado em algoritmos insiste que a atividade intelectual de criar histórias é despersonalizada, branca, pertencente ao universo dos homens e apenas realizada nos grandes centros urbanos. A realidade vem em contrapartida, desafiando cada vez mais essa ideia.

Segundo levantamento da ABRA - Associação Brasileira de Autores Roteiristas, em números aproximados, do grupo de 626 associados, 254 são mulheres. No último ano, de janeiro de 2019 até o momento, dos 151 novos associados, 74 são mulheres – a metade. Isso sem contar as que não estão organizadas em instituições formais, mas estão presentes em grupos de WhatsApp e Facebook, pensando politicamente o ato da escrita. São as mulheres que estão provocando as mudanças mais profundas no mercado de histórias. Inovando em formatos, trazendo protagonismos antes invisíveis e ocupando um espaço que até recentemente era majoritariamente dos homens.

Conheça aqui seis delas – todas transformando a cara das salas de roteiro no Brasil.

Carol Pires

A redação do programa *Greg News* na HBO era uma das mais legais que alguém poderia trabalhar. Lá estavam cabeças brilhantes transformando temas profundos da política nacional e internacional em um programa de TV engraçado. E quem acompanha a política nos últimos anos, sabe que isso não é tarefa fácil. Foi lá que conheci Carol Pires, uma das jornalistas responsáveis pelas extensas pautas que nós, redatores de humor, trabalhávamos. Natural de Brasília, Carol cobriu o Congresso Nacional por anos, e a transição pro roteiro se deu por essa via. Primeiro no *Greg News* e depois no documentário indicado ao Oscar *Democracia Em Vertigem* – uma estréia e tanto no cinema.



Carol Pires (Foto: Arquivo pessoal)

Acho curioso quando pergunto pra Carol quais são suas inspirações e ela responde mulheres muito diferentes como a socióloga argentina Beatriz Sarló, a jornalista mexicana Alma Guillermoprieto e a dramaturga inglesa Phoebe Waller-Bridge, mas percebo que elas são um pouco Carol. Todas se dividiram em diversas áreas da criação e da escrita com muito talento. "Eu não preciso escolher entre jornalismo e roteiro, posso ser o que eu quiser, criando um caminho só meu", me diz Carol.

O último trabalho dela mostra bem essa disposição para o novo. *Retrato Narrado*, podcast pesquisado, roteirizado e apresentado por Carol investiga a vida do presidente Jair Bolsonaro desde e a infância e já é considerado um dos melhores podcasts do país, provando que qualquer personagem se torna maravilhosamente complexo na mão de uma boa contadora de histórias.

Renata Martins

O CCBB do Rio de Janeiro é um dos prédios mais bonitos da cidade. Foi lá que vi pela primeira vez *Sem Asas*, curta-metragem de Renata Martins. Os vitrais, a arquitetura, os imensos portões que já eram tão familiares para mim não me prepararam para a beleza do que viria a seguir. O filme da Renata me deixou em suspenso, me comoveu e me pousou no chão de novo, renovada. E não é apenas uma impressão pessoal – *Sem Asas* se tornou o curta metragem mais premiado de 2019 e 2020 no Brasil, fazendo um extenso circuito de festivais, dentro e fora do país, emocionando diversas plateias com a história de um menino que vai comprar um saco de farinha para sua mãe.



Renata Martins (Foto: Arquivo pessoal)

Nascida em São Paulo, no bairro de Itaquera, Renata tem uma experiência extensa em salas de roteiro. Esteve em *Pedro e Bianca*, série que conta a história de gêmeos bivitelinos, ele branco, ela negra e em *Malhação, Viva a Diferença*, novela que resgatou a audiência do horário e abocanhou o Emmy Kids Awards de melhor série.

Com uma mão sofisticada mesmo em produtos de apelo popular, Renata me lembra muito a personagem que ela gostaria de ter escrito: Annelise Keating, advogada interpretada por Viola Davis e escrita por Shonda Rhimes, na série *How to Get Away With Murder* – uma mulher talentosa, firme e complexa e que sabe bem onde quer chegar.

"Entrar no mercado audiovisual não foi difícil. O difícil foi permanecer. Demorei para entender o que significava ser uma autora e diretora negra no audiovisual nacional", diz ela. Que Renata permaneça investigando artisticamente e politicamente as histórias que ela quer contar – o mercado brasileiro agradece.

Luh Maza

Escolher uma série para assistir não é fácil – quem nunca se pegou passando de serviço de streaming em serviço de streaming, confuso sem saber se aposta num produto velho e conhecido ou arrisca algo novo? Sem saber, a Luh Maza resolveu esse problema para mim, por uma noite.

Estávamos em uma mesa redonda online, dessas tão comuns em tempos de pandemia. Ela, convidada, eu, espectadora e sua fala me arrebatou.

Roteirista da série *Sessão de Terapia*, Luh contava com paixão a construção de dois personagens, um casal negro de classe média, intelectuais, que estavam com problemas no casamento. Sua defesa apaixonada da ficção me deixou hipnotizada, e saindo de lá, claro, fui ver do que ela falava. E não me arrependi.



Luh Maza (Foto: Arquivo pessoal)

Nascida no Rio e moradora de São Paulo, Luh veio do teatro e logo passou ao audiovisual, na televisão, publicidade e cinema. É autora do curta-metragem *35*, que conta uma história de amor entre duas pessoas trans e protagonizado pela cantora Liniker. O projeto viajou o mundo e ganhou os prêmios de melhor roteiro no Festival El Ojo Iberoamerica na Argentina, o Inclusive end Creative Awards Campaign nos Estados Unidos e ficou no top 5 do Berlin Commercial, na Alemanha.

Em um momento de muitos convites para projetos, Luh alerta para o que é exigido a uma mulher transexual no mercado audiovisual: "Sempre me sinto numa dupla função, além de roteirista e criativa tem também um lugar de representatividade que confundem como uma obrigação de ser ativista, fiscal, conselheira de temas sociais e de gênero".

Luh me conta que não quer ser a única trans nas salas de roteiro. Ela cita sua mãe e a icônica autora trans Janet Mock como inspiração e diz que sonha com um futuro no qual possa retratar com fidelidade mulheres trans que foram mal representadas ou apagadas da nossa dramaturgia. Se depender do seu próximo projeto, *Xposed*, Luh Maza está cada vez mais perto de conseguir.

Ana Johann

As histórias de mulheres brasileiras que não vivem nos grandes centros urbanos mobilizam a imaginação da paranaense Ana Johann. Nascida em Cruz Machado, a 280km de Curitiba, Ana só foi no cinema pela primeira vez aos dezessete anos. Decidida a escrever histórias para a grande tela enfrentou a primeira dificuldade: naquele tempo, início dos anos 2000, existiam poucas políticas públicas regionais focadas na cultura e o maior fluxo de trabalho estava nas grandes produtoras e canais do eixo Rio-São Paulo. Então Ana começou a investigar a poesia daquilo que conhecia bem, através do documentário. Seu primeiro longa-metragem, *Um Filme Para*

Dirceu, foi Prêmio Especial de Júri no Festival de Brasília, um dos mais prestigiados do país.



Ana Johann (Foto: Arquivo pessoal)

Defensora de uma poética audiovisual, Ana faz questão de ensinar para os alunos a importância da investigação, observação e intuição para a construção do roteiro, pois, para além da técnica, existe aquilo na arte que é mistério.

Sua primeira ficção irá estreiar em 2021, *A Mesma Parte de Um Homem* é um drama sobre uma mulher que vive isolada numa vila rural com a filha e tem a rotina desestabilizada pela chegada de um forasteiro. "A sexualidade e o desejo das mulheres da cidade ou do campo é um campo que gosto de investigar."

Carol Rodrigues

Quando a Netflix anunciou a sua primeira série de ficção produzida no Brasil, os amantes da ficção científica ficaram agitados. Gênero com uma legião de fãs apaixonados, a audiência nacional tinha poucos produtos que se relacionavam com a sua realidade. Carol Rodrigues participou desse processo nas terceira e quarta temporadas do projeto, num desses encaixes da vida que parecem coisa de ficção: neta de Esméria, uma grande contadora de histórias, Carol desde criança estava em contato com o fantástico. E a Carol adulta sabe que o realismo muitas vezes é insuficiente para lidar com o que sentimos e com tudo aquilo que vivemos.



Carol Rodrigues (Foto: Arquivo pessoal)

Em *A Felicidade Delas*, premiado curta da Carol, duas mulheres se apaixonam em uma passeata e fogem da polícia, violenta. Ao se esconderem o amor entre as duas literalmente inunda a cidade. Nenhuma construção realista daria conta de com quanto suor e tesão se faz um amor que nasce na luta.

Usando essa capacidade imagética e poética para falar de temas complexos como aborto e maternidade solo, Carol continua levando seu olhar fantástico para as salas de roteiro e confessa que tem pouco tempo que dominou os códigos que regem esses espaços. "Querem histórias de mulheres negras e LGBTQI, mas não querem roteiristas negras que possam contar essas histórias. Querem novos olhares construídos pelas mesmas pessoas. Não é um espaço acolhedor" Foi no contato com outras mulheres criadoras que pensavam como ela e percebendo uma mudança no mercado que passou a contratar mais pessoas do universo LGBTQI que Carol percebeu as coisas melhorando.

Seu próximo projeto, *Criadas*, é um longa metragem de ficção que volta para as origens familiares e que vai investigar o colorismo, tema ainda pouco discutido no audiovisual brasileiro.

Carolina Ziskind

Espalhadas pelo Ar, primeiro curta-metragem que Carolina Ziskind escreveu, estreou em 2007, no Festival de Brasília. Ou ao menos é assim que ela gosta de contar sua trajetória com os roteiros. Não que não houvesse textos antes desse, é que *Espalhadas* foi o trabalho audiovisual que ela enfim viu realizado, "posto na rua". Nas palavras de Carolina, é esse seu ponto de partida no mercado das histórias.



Carolina Ziskind (Foto: Arquivo pessoal)

Carô, como é conhecida no meio, queria mesmo ser escritora e se dedicar à ficção. Era essa a ocupação que imaginava na adolescência ao ler Clarice Lispector, seu "primeiro amor por uma autora", diz. "Me joguei na obra dela e isso mudou minha vida. Acho ela um monstro da literatura." Além de Clarice, outras mulheres foram lidas exaustivamente por Carô e influenciaram sua produção. Hilda Hilst e Ana Cristina César estão entre as suas poetisas preferidas. "A verdade é que histórias protagonizadas por mulheres desde sempre foram minha praia. No mais, também adoro ler mulheres, independente de suas personagens serem ou não femininas. Faz parte da minha formação e do meu prazer ler o que elas têm a dizer."

Em 2012, Carô estreou no cinema mainstream, com o longa que escreveu junto com a diretora, Petra Costa. *Elena* conta da vida e da morte da irmã mais velha de Petra a partir das memórias da diretora. "É o único documentário em que trabalhei. Vi o primeiro curta da Petra, também documental, e pensei: se ela faz documentário assim, quero participar disso".

Mais recentemente, vieram as novelas. "Sempre quis fazer", entrega Carô. "A novela está muito próxima da vida das pessoas e eu tinha muita vontade de escrever coisas mais populares." Em 2017, fez *Malhação, Viva a Diferença* (obra que está sendo reprisada agora, inclusive). Carô participou do processo desde o início da criação das personagens principais – um grupo de cinco adolescentes mulheres –, e de toda a concepção da narrativa.

Em 2019, entrou para a sala de roteiro de *Órfãos da Terra*, novela das seis da TV Globo, premiada com o Emmy Internacional. "Aprendi muito com a Duca e a Thelma [as autoras]. O tema era refúgio, que é urgente, atual e me tocou por várias razões. Minha família é judia, minha avó veio da Polônia em um navio fugindo da guerra."

As histórias que realmente importam para Carô são aquelas que conseguem dialogar com o mundo e o tempo em que estamos. "Elas fazem a gente

sentir e pensar coisas que importam. Acabam sendo uma maneira muito eficiente de comunicação porque envolvem pensamento e sentimento juntos. Não dá hoje para se aproximar das pessoas através das histórias sem olhar para tudo que está acontecendo em termos de transformação. Não tem mais como fechar os olhos para o machismo, para o racismo, para a xenofobia. Tudo isso está em nós e diante de nós. Não dá mais para continuar com narrativas que tenham apenas o homem branco como "protagonista", acredita a roteirista.

<https://outline.com/bPae9y>

COPY

 Annotations

[Report a problem](#)

Outline is a free service for reading and annotating news articles. We remove the clutter so you can analyze and comment on the content. In today's climate of widespread misinformation, Outline empowers readers to verify the facts.

[HOME](#) · [TERMS](#) · [PRIVACY](#) · [DMCA](#) · [CONTACT](#)